

Abrimos este editorial com redobrado entusiasmo, porque é habitual dizer-se que com o surgimento do terceiro número de uma revista se encontra promissoramente sedimentada a sua publicação. Esperamos que com a *Revista de Artes Decorativas* esta situação se concretize, facto que se deve, em muito, ao interesse que o Presidente do Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa e Director da Escola das Artes, Prof. Doutor Joaquim Azevedo, lhe dedicou desde a primeira hora.

Move-nos, desde sempre, um profundo empenhamento em conferir às Artes Decorativas o papel que há muito deveriam possuir no seio da Historiografia da Arte Portuguesa. Esta revista é, nesse sentido, o hastear mais visível dessa bandeira, que a Escola das Artes vem desfraldando, tanto no Porto como na sua extensão de Lisboa. Acresce a esse facto a existência de diversas dissertações de mestrado – muitas delas já apresentadas e defendidas –, e de doutoramento, que se encontram actualmente em preparação, como se pode perceber pela referência que às mesmas é feita no final da revista.

Comungando da importância de combinar a publicação de estudos mais profundos, com pequenas nótulas monográficas e com a divulgação de documentação, que, assim, pode ser colocada à disposição dos investigadores, esta revista mantém a sua organização tripartida, que apresenta desde o seu número inicial.

A variedade de estudos publicados testemunha a vitalidade da pesquisa verificada recentemente em alguns domínios, nomeadamente o do mobiliário, e que vem sendo levada a cabo por investigadores pertencentes às mais diversas instituições.

Não gostaríamos de deixar de realçar que certos artigos e nótulas relevam o dinamismo dos estudos superiores desenvolvidos no seio da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, que aqui vão publicando os resultados das suas investigações. Com gosto redobrado verificamos, também, o facto de técnicos do Instituto dos Museus e da Conservação aqui publicarem alguns dos estudos que vão levando a cabo dentro e fora das instituições em que trabalham.

Em relação à secção dos artigos, mencionamos os estudos sobre mobiliário oitocentista, tanto dos irmãos marceneiros franceses Dejanete, como a presença de peças do francês Paul Sormani no acervo da rainha D. Maria Pia. Escritos, respectivamente, por Celina Bastos e por Maria do Carmo Rebello de Andrade Pinto, demonstram a relevância dos estudos de casos, referentes a marceneiros, para a compreensão do complexo mobiliário do século XIX.

Outra temática raramente abordada no panorama bibliográfico português, o dos leques, encontra importantes subsídios no artigo de Paulo de Campos Pinto, referente aos exemplares comemorativos dos séculos XVIII e XIX. Estes objectos desempenharam um papel muito interessante na sociedade portuguesa, como acessório do traje, facto especialmente visível na iconografia da época, e que no retrato feminino deixou numerosas marcas.

No âmbito dos ambientes domésticos, o artigo relativo às cozinhas, da autoria de Carlos Franco, traz novas luzes face a uma zona das habitações relativamente pouco estudada em termos de reconstituição histórica. A abordagem de toda uma parafernália de objectos que aí ocupam o seu lugar, de que destacaria a tacharia, recebe novos subsídios para o respectivo conhecimento.

No século XX, outra área pouco investigada, a dos ambientes dos grandes paquetes portugueses deste período, é abordada por Teresa Tavares, em estudo relativo ao paquete *Infante D. Henrique*, navio em que intervieram nomes importantes da arte portuguesa da segunda metade do século. Também desta centúria, sai reforçada a percepção do espírito do grande coleccionador português de Artes Decorativas que foi o Dr. Anastácio Gonçalves, através do artigo de José Alberto Ribeiro.

Importante para o estudo da joalharia, a glíptica, nomeadamente a da época romana, resulta em objectos de grande sentido estético, neste caso os que foram descobertos no território português, e que são abordados na investigação de Graça Cravinho. Outro tema ainda presente neste volume diz respeito à colecção de paramentaria do Museu de Aveiro, analisada pela sua responsável, Maria João Mota.

No domínio da abordagem de fontes documentais, Isabel Drumond Braga ressalta a importância do estudo dos processos da inquisição para o conhecimento da joalharia existente, no século XVIII, na então colónia brasileira. Igualmente neste domínio de análise de fontes, mais precisamente dos testamentos, se pode situar o estudo de Adelina Valente,

deles partindo para a análise de alguns aspectos da influência inglesa no mobiliário português do século XVIII.

Terminamos a referência aos estudos publicados nesta revista com um interessante contributo para um conhecimento mais aprofundado das tipologias de peças de vidro executadas na fábrica de vidros da Marinha Grande, da autoria de António Antunes Martins. Este autor dá início a um conjunto de nótulas relativas às peças executadas nesta importante fábrica, entre finais de Setecentos e os inícios de Oitocentos; no presente número, são abordadas as redomas com pé.

No âmbito documental chamamos a atenção para a transcrição de um conjunto de informações sobre o traje da aristocracia da Corte no século XVIII, possuindo particular interesse o extenso rol de António José Pinto referente a peças de roupa efectuadas para a família do 5.º marquês de Abrantes, D. Pedro de Lancastre e Távora, e que se encontra repleto de informações respeitantes a matérias-primas, preçários, feitos, entre outras. Pedro Pinto publica novos contributos para o conhecimento de diversas artes, através da descrição da procissão de *Corpus Christi* em Mazagão, em 1677. Outro documento refere-se ao cerimonial por ocasião da estadia em Portugal do conde Bachi, no reinado de D. José, por Maria Alexandra Gago da Câmara, apresentando-se, igualmente, a transcrição de documentos sobre talha e azulejaria, respectivamente por Maria Teresa Canhoto Verão e por Patrícia Roque de Almeida.

Neste número voltamos a registar o apoio do Dr. Álvaro Sequeira Pinto, importante para a viabilidade económica desta edição.

Gonçalo de Vasconcelos e Sousa

Director